

## MOVÊNCIAS DE IDENTIDADE E O LEGADO DA TRADIÇÃO: UMA LEITURA DO POEMA “ANTÔNIO GONÇALVES DIAS”, DE INÊS PEREIRA MACIEL

### IDENTITY MOVEMENTS AND THE LEGACY OF TRADITION: A READING OF THE POEM “ANTÔNIO GONÇALVES DIAS”, BY INÊS PEREIRA MACIEL

Recebido:15/10/2023 Aprovado: 30/11/2023 Publicado: 29/12/2023

DOI: 10.18817/rlj.v7i3.3454

Kelly Cristina dos Santos Silva<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5264-851X>

Silvana Maria Pantoja dos Santos<sup>2</sup>

Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-1107-1336>

**Resumo:** O presente trabalho propõe analisar o poema “Antônio Gonçalves Dias”, da escritora maranhense contemporânea Inês Pereira Maciel, a partir do diálogo com “Canção do exílio” e “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, com o propósito de compreender as relações identitárias entre os sujeitos poéticos dos referidos escritores. O ato de lembrar é, ao mesmo tempo, uma construção de pertencimento, sendo as identidades, muitas vezes, construídas a partir do processo de rememoração e das relações estabelecidas nas práticas coletivas (Candau, 2016), isso porque a memória possibilita o revezamento temporal entre presente/passado, antigo/moderno. O trabalho tem como pressuposto teórico o pensamento de Maurice Halbwachs (2006), que estabelece relação entre memória individual e coletiva e Joel Candau (2011), que propõe reflexões sobre memória e identidade. Nas produções literárias contemporâneas tem havido um interesse dos escritores pelo diálogo com a tradição, por meio de reelaborações discursivas que apontam para novas reflexões e perspectivas. Nesse sentido, a obra de Gonçalves Dias tem sido muito recorrente. O poema “Antônio Gonçalves Dias”, de Inês Maciel, compartilha gestualidades e formas de expressão com elementos da produção do poeta romântico e revela formas identitárias que se consolidaram ao longo do tempo, por meio do processo memorialístico.

**Palavras-chave:** Identidade; Memória; Inês Maciel; Gonçalves Dias.

**Abstract:** This work aims to analyze the poem Antônio Gonçalves Dias, by the Maranhão-born contemporary writer Inês Pereira Maciel, based on the possible interchanges with *The Song of Exile* and *I-Juca Pirama*, by Gonçalves Dias, to understand the identity relationships between the poetic subjects of the aforementioned writers. The act of remembering is, at the same time, a construction of belonging, with

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão, Campus Timon. Bolsista BATI II - UEMA. Integrante do grupo de Estudos Interdisciplinares em Literatura e Linguagem. E-mail: [kellysscristina5@gmail.com](mailto:kellysscristina5@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Estudos da Memória e suas interfaces com a Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Memória: linguagem e sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (PROCAD - AM/CAPEL). Doutorado e Mestrado em Letras, áreas de Concentração Teoria Literária, pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Piauí - UESPI e da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Professora dos Programas de Pós- Graduação em Letras de ambas as Universidades. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinares em Literatura e Linguagem - LITERLI cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa e do Grupo de Estudos sobre o Espaço na Literatura - TOPUS. Atua nas linhas de pesquisa da Literatura e suas interfaces com o espaço, a cidade e a memória. Pesquisadora CNPq/Edital Universal. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: [silvanapantoja3@gmail.com](mailto:silvanapantoja3@gmail.com)

identities often constructed from the process of remembrance and the relationships established in collective practices (CANDAU, 2016). This is because memory enables the temporal shift between present/past, and ancient/modern. The theoretical assumption of the paper is the thought of Maurice Halbwachs (2006), who establishes a relationship between individual and collective memory, and that of Joel Candau (2011), who proposes reflections on memory and identity. In contemporary literary productions, there has been an interest among writers in dialogue with tradition, through discursive re-elaborations that point to new reflections and perspectives. In this sense, the work of Gonçalves Dias has been recurrent. The poem Antônio Gonçalves Dias, by Inês Maciel, shares gestures and forms of expression with elements of the romantic poet's production and reveals forms of identity that were consolidated over time, through the memorial process.

**Keywords:** Identity; Memory; Inês Maciel; Gonçalves Dias.

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar o poema “Antônio Gonçalves Dias”, da escritora maranhense contemporânea Inês Pereira Maciel, a partir do diálogo com “Canção do exílio” e “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias. O estudo tem o propósito compreender as relações identitárias entre o sujeito poético de Gonçalves Dias e o de Inês Maciel.

Inês Maciel tem como berço a cidade de Caxias – MA. Iniciou sua carreira no campo das letras escrevendo crônicas para o jornal de sua cidade, cuja produção resultou na obra *Ramas do tempo*, publicada em 2003. Com uma significativa produção literária, Maciel surpreendeu a crítica com as obras: *Despida* (2008), *A menina dos olhos de peteca* (2013), *Virna* (2014) e *Recôndito* (2016), a qual integra o poema “Antônio Gonçalves Dias”. De acordo com Santos (2012),

À obra poética de Inês surpreende a crítica com uma arte sensível e rica em efeitos estéticos, destoante de suas atividades como Auditora Fiscal, registrada de códigos normativos e formalidades, próprio daquele meio, porque Inês já traz em suas estranhas o veio artístico que lhe é peculiar (Santos, 2012, p. 363).

A escritora é membro da Academia Caxiense de Letras, ocupando a cadeira de nº 18; desenvolve projetos artístico-culturais em prol da Comunidade-casa caxiense; é membro efetivo da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil – Coordenação do Maranhão (AJEB/MA) e membro da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão (SCLAMA); é uma das organizadoras da obra *Crisálida*, coletânea que reúne

produções de novas escritoras maranhenses, em parceria com a também poeta caxiense Ana Rosália Soares da Silva.

O poeta Gonçalves Dias também é natural da cidade de Caxias – MA; viveu um curto período entre os anos de 1823 a 1864, cuja vida foi usurpada em um trágico acidente marítimo. Além de escritor, foi advogado, jornalista, etnógrafo e teatrólogo. Consolidou-se como o grande expoente do Romantismo brasileiro e de tradições literárias, dentre elas o Indianismo. Foi um ávido pesquisador das línguas indígenas e do folclore. “Canção do exílio”, que integra *Primeiros Cantos*, publicada em 1846, e “I-Juca Pirama” da obra *Últimos Cantos*, de 1851, são uns dos poemas mais populares de Gonçalves Dias.

Para o diálogo entre a poeta contemporânea Inês Maciel e Gonçalves Dias - apartados no tempo, mas aproximados pelo fazer literários - partimos dos seguintes questionamentos: I) De que modo são construídas as relações identitárias entre o sujeito poético de Gonçalves Dias e o de Inês Maciel? II) como o legado da tradição contribui com as produções de poetas contemporâneos?

Essa perspectiva de análise decorre da ideia de que na conjuntura contemporânea, passado e presente se interconectam e refletem na formação identitária de gerações futuras, isso porque a identidade ancora-se em práticas culturais que contribuem para a constituição do sujeito.

As relações estabelecidas com o mundo exterior, os laços afetivos formados ao longo da vida, a relação com o lugar de origem são algumas circunstâncias que acompanham o sujeito e passam a ser ressignificadas nas mais diversas situações. Nesse sentido, entendemos que a memória é um fator importante no processo de constituição identitária. Por meio do processo de rememoração as pessoas se reconectam com as suas vivências e experiências pretéritas e também com a tradição cultural que, em muitos momentos, torna-se referência para a vida pessoal e social.

Nos estudos da memória, Halbwachs (2006) destaca a importância da memória coletiva para o fortalecimento de lembranças compartilhadas. Segundo o sociólogo, “nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também, na de outros”. (2006, p. 29). Assim, no processo de rememoração é comum o apelo às

lembranças envolvendo membros participativos do núcleo comunitário, ainda que não se façam presentes no ato da recordação.

Vivemos constantemente seduzidos pelo novo, o qual pode gerar riscos de rompimento com as referências que servem de base para o que nos tornamos, entretanto, o processo de continuidade identitária, enraizado no coletivo, fortalece os membros do grupo, isso porque, a memória coletiva possibilita o estreitamento dos vínculos com o passado, nesse particular, com o legado deixado pela tradição. O pensamento de Halbwachs soma-se ao de Le Goff:

[...] memória coletiva, pode ser interpretada como ‘uma revolução da memória’ fazendo-a cumprir uma ‘rotação’ em torno de alguns eixos fundamentais: ‘Uma problemática abertamente contemporânea... e uma iniciativa decididamente retrospectiva’, ‘a renúncia a uma temporalidade linear’ em proveito dos tempos vividos múltiplos ‘nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo’ [...] (Le Goff, 1996, p. 473).

Nesse sentido, a memória é importante no processo de ressignificação da tradição literária, que permite a valorização da cultura, assim, é no coletivo que são fortalecidas as identidades. O partilhar toma lugar no “quadro” de referências espacial e social.

### **O legado da tradição na literatura maranhense**

Segundo Ramos (2001), a literatura maranhense tem como marco a publicação do poema “Hino à tarde” de Odorico, em 1832, que apresenta características árcades, e que traz à tona o debate sobre a formação de uma literatura propriamente maranhense.

Ainda, de acordo com Ramos (2001), a literatura romântica formada pelo “Grupo Maranhense” foi legitimadora de criações poéticas sob a égide da grandeza do Maranhão. As produções literárias de Antônio Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Francisco Sotero dos Reis, Manuel Odorico Mendes, Gomes de Castro e de tantos outros colocaram o Maranhão no âmbito da circulação das Letras no Brasil e na Europa. São escritores consagrados pelo epíteto de “Atenas Brasileira” ou “Atenas Maranhense”, sinônimo da inteligência literária maranhenses. As construções

simbólicas foram responsáveis por coloca-los como ícones da formação da identidade em um contexto de formação da nacionalidade brasileira.

O legado deixado pelos escritores da geração ateniense influenciou e influencia até hoje novos poetas a se aventurarem na imensa vastidão do mundo das letras, um legado rico com destaque na cultura, memória e identidade.

No modernismo maranhense destaca-se Bandeira Tribuzi que retorna de Lisboa em 1947 trazendo, tardiamente, as inovações literárias que mudariam a forma artística do cenário maranhense. O poeta influenciou escritores como Ferreira Gullar, Lago Burnett seguidos de Nauro Machado, José Chagas<sup>3</sup> José Maria Nascimento e outros que, por sua vez, têm influenciado a arte de poetas posteriores. Nesse particular, muitos nomes são revelados e encontram-se em plena produção literária, como Arlete Nogueira da Cruz, Luís Augusto Cassas, Dilercy Adler, Salgado Maranhão, Inês Maciel, Fernando Abreu e tantos outros que têm se destacado no cenário nacional, cujas produções são relevantes pelo valor estético. Nesse sentido, a poesia maranhense ocupa lugar merecido no campo da historiografia literária brasileira.

Nas palavras de Halbwachs (1990, p. 133): "Quando um grupo está inserido no espaço, ele transforma sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que ele resiste". Dessa maneira, o ser humano é modelável em relação ao social, de modo a sofrer influências do passado, especialmente quando se trata do legado da tradição.

O processo de rememoração no poema "Antônio Gonçalves Dias" ancora-se em um tempo e espaço definidos, a partir do diálogo com "Canção do Exílio" e "I-Juca Pirama", de Gonçalves Dias, levando o leitor a uma conexão com elementos identitários, por meio da intensidade da voz lírica.

### **"Antônio Gonçalves Dias", "Canção do exílio" e "I- Juca Pirama": interconexões**

---

<sup>3</sup> O poeta José Chagas, mesmo não sendo maranhense, adotou o Estado como sua terra do coração e cantou os motivos maranhenses em muitas das suas produções, sendo estudado na Literatura Maranhense.

O poema “Antônio Gonçalves Dias” é uma expressa homenagem de Inês Maciel ao saudoso poeta maranhense Gonçalves Dias, cujo nome é referenciado no título. Por meio do recurso intertextual com os poemas “Canção do exílio” e “I-Juca Pirama”, o eu poético ressignifica elementos identitários pelos vieses que os interligam.

O poema “Antônio Gonçalves Dias” é composto por onze estrofes, sendo duas constituídas de versos livres, enquanto as demais são rimadas. Na primeira estrofe há uma descrição idealizada da paisagem maranhense, assim, como o fez Gonçalves Dias nas representações em “Canção do Exílio”.

No berço-solo caxiense,  
De aquecidas e bronzeadas terras,  
De verdes matas, córregos reluzentes,  
Onde as aves gorjeiam sob um céu anil,  
Nasceu um dos maiores poetas  
Desta grande nação, Brasil!  
[...]

(Maciel, 2016, p. 211)

Em “Canção do exílio” o eu lírico se reporta a pontos de referências específicos, constitutivos da identidade brasileira; no poema de Inês Maciel, os elementos da paisagem de “Canção do exílio” ressurgem reelaborados e atrelados à paisagem caxiense, símbolos da identidade do lugar. Os adjetivos: “aquecidas” “bronzeadas” e “reluzentes” reforça a paisagem natural, revestida de carga emocional do eu poético, que demonstra familiaridade e afeto dele pelo espaço de pertencimento.

Em “Canção do exílio” as aves que gorjeiam em terras brasileiras carregam um diferencial em relação às de “lá”, sendo enaltecidas por meio da lembrança afetiva. No poema de Inês Maciel, o eu-lírico delimita o espaço das “aves que gorjeiam” como o lugar de pertença do poeta, qual seja, a cidade de Caxias – MA.

Os lugares são fontes de memória e guardam referências fundamentais para o processo de ressignificação. Os elementos naturais “palmeiras” e “sabiá”, presentes na poesia de Gonçalves Dias não só fazem ressoar a saudade da terra distante, mas também caracterizam a paisagem brasileira. Nas imagens poéticas propostas por Inês Maciel esses elementos naturais são deslocados e tomados como símbolos integrantes da identidade maranhense, confirmando a movência da identidade.



Nessa perspectiva, a revisitação ao poema de Gonçalves Dias reascende o sentimento identitário e caráter de pertencimento, dando à memória um papel significativo nesse processo. Nas palavras de Joel Candau:

O ato de memória que se vê nas narrativas de vida ou nas autobiografias, coloca em evidência essa aptidão especialmente humana que consiste em dominar o próprio passado para inventar não o vivido, mas o que fica do vivido (Candau, 2011, p. 71).

O legado deixado na produção poética de Gonçalves Dias inspira a poeta caxiense a dar vida à sua criação literária. Isso acontece devido ao que os mesmos têm em comum: a identificação com o lugar. A voz lírica de Inês Maciel se apropria do passado/criação evidenciando, com isso, a escrita contemporânea a dar continuidade ao diálogo com a tradição e, por conseguinte, apontar caminhos inovadores, articulados com momento atual.

Os espaços comportam vivências que repercutem nas lembranças, possíveis de ultrapassar o tempo e marcar gerações. As impressões que temos do lugar torna a memória única, diante das circunstâncias vivenciadas. Nas palavras de Halbwachs (2006): "O espaço é uma realidade que dura" no imaginário/lembranças. Assim, alguns elementos do espaço resistem à passagem do tempo e ressoam nos afetos, resultando na idealização dos mesmos, fato este notificado nos versos de Inês Maciel.

[...]  
Nascido no sítio Boa Vista,  
Em terras do Jatobá,  
Morenas terras caxienses,  
Onde acenam as palmeiras  
E canta o sabiá! [...]

(Maciel, 2016, p. 211)

Candau (2006), afirma que: "Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela ela restrição de nomes próprios". Assim, o "sítio Boa Vista", integrado ao município de Caxias – MA, refirma a identidade do poeta: "Morenas terras caxienses,/Onde acenam as palmeiras/ E canta o sabiá!". O eu-lírico de Inês Maciel acrescenta:

[...] Talvez nem tenha cogitado um dia,  
Em ver seus versos cantados  
Por todos os brasileiros  
De geração em geração,  
Com orgulho e emoção  
No soberbo hino da Nação!  
[...]

(Maciel, 2016, p. 212)

A voz poética reforça o interesse dos escritores pelo diálogo com a tradição, em particular com a obra de Gonçalves Dias, por meio de reelaborações discursivas que apontam para novas reflexões. Esse pensamento vai ao encontro do exposto por Borralho:

[...] Gonçalves Dias serviu como vórtice tanto para a construção da literatura quanto para os defensores da Atenas brasileira. À medida que os jornais fluminenses, indiscriminadamente, apontavam-no como um dos pilares da literatura brasileira, os maranhenses reivindicavam seu lugar de —pertencimento social. — Pertencia ao Maranhão! bradaram os maranhenses: o lugar torrão que lhe permitiu os caracteres geniais que o resto da nação tomou conhecimento. Quanto mais na capital do império ele angariava prestígio, tanto mais arrefecia o orgulho por ser maranhense 'e não por apesar de ser maranhense' (Borralho, 2009, p. 214).

Gonçalves Dias foi reconhecido como o grande patriota brasileiro, tendo um verso de seu poema parafraseado e acrescido ao hino nacional: “Nossos bosque têm mais vida”/“Nossas vida, no teu seio/mais amores”. Assim, o legado de Gonçalves Dias perpassa fronteiras, cuja obra é lembrada, ressignificada e se estende a gerações futuras.

Na visão de Pollak (1992, p. 203) "A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva". Nesse sentido, a identidade do sujeito poético de Gonçalves Dias coaduna-se com a de Inês Maciel e se junta à identidade do povo brasileiro, em particular do maranhense, unidos pelo lugar de pertencimento e pelas manifestações culturais.

O poema “Antônio Gonçalves Dias” revisita também o poema “I-Juca Pirama” que enaltece o ato de bravura do indígena, figura histórica da nação brasileira. Essa condição vai além da coragem, tornando um elemento da cultura demonstrar superioridade no leito de morte.



[...] Na defesa de seu sangue indígena,  
Onde bravos não choram,  
Nem mesmo frente à morte,  
E onde a vida é combate  
Que exalta os fortes  
Que sabem lutar,  
Ele não deve ter chorado  
Perante a iminência do fim  
Quando nos baixos Atins,  
Em águas salgadas de sua terra,  
Sem mais forças para lutar  
Fez do mar impetuoso e imenso,  
Santuário de todo o seu talento!  
[...]

(Maciel, 2006, p. 211-213)

O índio é o guerreiro protagonizado em “I-Juca-Pirama” pela força e bravura em defesa do seu povo. Nesse poema, a voz lírica diz: “A vida é combate/Que os fracos abate/Que os fortes, os bravos/Só podem exaltar!”; no poema “Antônio Gonçalves Dias”, a bravura dos que lutam é exaltada pela vida que é combate. Essa ideia é reforçada pela fusão entre criação e criatura, cuja bravura do índio se confunde com a do próprio poeta: “Ele não deve ter chorado/Perante a iminência do fim”. Além disso, índio e poeta são tocados pelo elo originário, uma vez que a mãe de Gonçalves Dias era indígena.

Os elementos naturais presentes no poema de Inês Maciel e de Gonçalves Dias coadunam-se em direção à raiz de ambos: as terras maranhenses. A expressão poética “águas azuladas” concilia-se com o céu azul que reme a paisagem do local de nascimento do poeta: “Sítio Boa Vista” e “Em terras do Jatobá” até sua morte nos “baixios de Atins”, região situada na costa maranhense, local do naufrago do navio Ville de Boulogne que provou a morte do poeta. “Nas águas azuladas de Tutóia” repousa o poeta e a “Sua imortalidade, poemas e glórias/embalaram-se nas ondas do mar” (Maciel, 2006, 213).

O local do trágico naufrágio tem um significado relevante na produção poética de Inês Maciel, isso porque passa a ter visibilidade e se eterniza na poesia dela. Com o naufrágio, Gonçalves Dias, já muito doente e debilitado, não teve condições de nadar e foi à única vítima do acidente. Assim, o desejo do poeta inscrito na voz lírica de

“Canção do exílio” nos versos: “Não permita Deus que morra/Sem que eu volte para lá” se concretiza.

A retomada de imagens da poesia de Gonçalves Dias reafirma o compartilhamento de “gestualidades, maneira de dizer, maneiras de fazer” em prol da continuidade da tradição. Como afirma Candau (2016):

[...] é provável que os membros de uma mesma sociedade ou núcleo familiar compartilham as mesmas maneiras de estar no mundo (gestualidade, maneira de dizer, maneira de fazer, etc.), adquiridas quando de sua primeira, maneiras de estar no mundo que contribuem a defini-los [...] desse ponto de vista seria preciso atribuir nuances as concepções situacionais de identidade sem, no entanto, afirmando que pode existir um núcleo memorial, um fundo ou substrato cultural. (Candau, 2016, p. 26).

O caráter identitário inscrito na poesia de Gonçalves Dias resvala e se entrelaça no poema de Inês Maciel, a partir do lugar de pertencimento e pelo legado cultural. Nas palavras de Halbwachs:

Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente a necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referências que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mas ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou do seu meio (Halbwachs, 1990, p. 54).

Neste sentido, a imagem expressa na poesia de Inês Maciel decorre da memória da tradição presente na poesia de Gonçalves Dias, por meio da movência de identidade que transita de um para o outro. Assim, “Todo aquele que recorda o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade” (Candau, 2011, p.74).

As identidades vão se construindo a partir do vínculo biológico (genitor/genitora), com os membros da sociedade, com a cultura e com os espaços de pertencimento. Segundo Halbwachs:

Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe do lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou

correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável (Halbwachs, 2006, p.160).

Sendo assim, os elementos que caracterizam o espaço são fundamentais para a construção da identidade. A cultura e os elementos que constituem um dado lugar reafirmam os vínculos identitários por uma questão do pertencer, portanto, o sujeito lírico de Inês Maciel, por meio de referências espaciais – cidade de Caxias, Sítio Boa Vista: “terras dos Jatobás”, “baixios de Atins” - e elementos da paisagem: “Palmeiras”, “Sabiá”, “Guarás” reforçam a identidade social e cultural.

### **Considerações finais**

O poema “Antônio Gonçalves Dias”, de Inês Maciel, revisita a tradição literária maranhense por meio da produção poética de Gonçalves Dias. Para tanto, a voz lírica dialoga com os poemas “Canção do Exílio” e “I-Juca Pirama” com o propósito de reafirma elementos da identidade que se movem de um para o outro.

No poema “Antônio Gonçalves Dias”, o sujeito poético ressignifica elementos da paisagem brasileira: sabiá e palmeiras; em I-Juca Pirama, reforça o simbolismo construído em torno do índio, qual seja, o de guerreiro bravo, destemido que enfrenta a morte com heroísmo. A partir daí, reelabora o seu fazer poético, agregando valor à literatura contemporânea, qual seja o de criar novas formas de expressão e agregar significados a partir do que está posto e consolidado.

Nesse processo de apropriação, os elementos constitutivos da identidade brasileira presente em “Canção do exílio” ressurgem atrelados à paisagem caxiense e reforça, com isso, o pertencimento, pelo grau de familiaridade e valor afetivo do eu-lírico.

Segundo Joel Candau (2011, p. 19), "A memória é 'geradora' de identidade no sentido que participa de sua construção [...] que leva os indivíduos a 'incorporar' certos aspectos particulares do passado". Sob esse viés, nota-se que o sujeito poético de Inês Maciel se apropria do legado deixado por Gonçalves Dias e o ressignifica por meio de suas impressões, sensações e sentimentos.

O compartilhamento cultural faz com que as identidades se entrelacem, gerando novos horizontes e perspectivas, de modo a favorecer a criação do novo. Na concepção de Halbwachs (2006, p.131), "Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros". Desse modo, o diálogo que a poesia de Inês Maciel estabelece com a de Gonçalves Dias contribui, significativamente, para o reavivamento do legado da tradição, bem como do local de identidade, reforçando o "entorno material" apontado por Halbwachs.

Os elementos expressos na poesia de Inês Maciel são fortemente marcados pela memória. Com isso, o poema "Antônio Gonçalves Dias" aponta para a paisagem maranhense, por meio do diálogo com a tradição, no qual nota-se a importância do sentimento de pertença e a influência que Gonçalves Dias continua tendo sobre a produção de poetas ao longo da historiografia literária.

## Referências

- BORRALHO, J. H. P. *Uma Athenas equinocial: A literatura e a invenção de um Maranhão no império brasileiro*. 01. ed. São Luís: EDFUNC, 2010.
- CANAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo. Editora: Contexto, 2011.
- DIAS, Antônio Gonçalves. *Primeiros Cantos*. Rio de Janeiro. Editora: Nead. 1845.
- DIAS, Antônio Gonçalves. *Últimos Cantos*. Rio de Janeiro. Brasiliana Digital USP. 1851.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo. Editora: Centauro. 2006.
- HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. é trad.). *Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 103-133.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. São Paulo. Editora da UNICAMP, 1990.
- MACIEL, Inês Pereira. *Recôndito*. 1º edição. Caxias: Gráfica e editora JM Ltda, 2016.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2,3,p. 3-15, 1989.
- RAMOS, CLÓVIS. *Roteiro literário do Maranhão: neoclássicos e românticos*. Niterói, RJ: Clóvis Ramos, 2001.



SANTOS, Silvana Pantoja dos Santos dos. Identidade e memória ou As fraturas do tempo em *Despida*, de Inês Pereira Maciel. In: MENDES MACÊDO DE A; ARAÚJO SILVA DA I. (orgs) *Diálogos de gênero e representações literárias*. Teresina: EDUFPI, 2012, p. 359-372.